



## **O Conceito de Comunidade no discurso telejornalístico: um caso de relexicalização<sup>1</sup>**

Patrícia Franck Pichler<sup>2</sup>

Maria Ivete Trevisan Fossá<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

Este artigo objetiva investigar o conceito de comunidade construído e representado pelas estratégias discursivas em telejornais brasileiros. A abordagem teórico-metodológica tem seu curso nos estudos da Análise Crítica do Discurso, seguindo o modelo de Fairclough (2001). Para o cumprimento do objetivo de pesquisa, são observados sobre o discurso analisado os aspectos ligados ao vocabulário, no que tange à etapa da análise textual das formações discursivas. A partir da análise, percebemos surgir uma nova possibilidade de compreensão acerca do conceito de comunidade, ou seja, o telejornalismo propõe-nos uma comunidade que vai além das características comunitárias, ampliando o quadro lexical; suscitando o novo, uma nova comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade; Estratégias Discursivas; Telejornalismo.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta parte dos resultados obtidos a partir de estudos realizados durante o ano de 2012. O trabalho de investigação iniciou com a revisão e a compreensão do conceito de comunidade em seu significado original, para a obtenção de um parâmetro entre sua “constituição” na teoria e na prática. Para tanto, foram utilizados os estudos apresentados em 1887 por Ferdinand Tönnies e em 1987 por Martin Buber. Além desses autores, revisamos pesquisas contemporâneas acerca do tema como, Raquel Paiva (2003), Márcio Simeone Henriques (2010) e Roberto Esposito (2007). Ainda na busca da comunidade em sua essência, foram revisadas as pesquisas de Boaventura de Sousa Santos (2005, 2007) e Alain Touraine (1997, 2007, 2009), que servem como um prisma para um olhar aberto e contemporâneo sobre as relações sociais e as coletividades.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação (UFSM); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: patricia.pichler@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Administração (UFRGS); Mestre em Comunicação Social (UMESP). Professora Associada do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. Atua na graduação de Comunicação Social e nos Programas de Pós-Graduação de Comunicação e de Administração da UFSM. Tutora de PETCiSA. E-mail: fossa@terra.com.br.



A partir dessa revisão teórica, obtivemos uma compreensão epistemológica de comunidade, através da organização de um quadro teórico-conceitual, com o qual chegamos ao entendimento de comunidade como uma coletividade que é composta por sujeitos críticos, preocupados e envolvidos com seu contexto e que, por isso, é empoderada. A comunidade e seus integrantes politizados e pertencentes por livre escolha aos grupos reconhecem a si próprios como integrantes de determinada coletividade e por isso, são também reconhecidos frente à sociedade. Os traços de cooperação, solidariedade e objetivos mútuos ainda são característicos, mas não fechados somente à sua realidade. A comunidade “olha para fora” e respeita e aceita o outro, para que assim também o seja.

Com este posicionamento podemos encontrar e definir qualquer comunidade, seja constituída por ricos ou pobres, por letrados ou analfabetos, por muitos ou poucos integrantes, por moradores do centro ou da periferia, ou ainda, por uma mistura de pessoas social e culturalmente distintas. Não importa de que comunidade estamos falando, mas sim que ela é “sujeito” e toma frente na ação. Não aceita ser representada como estática e não pode e não quer ser reconhecida sob um único viés. Sob esta compreensão pode estar a comunidade popular, a comunidade científica, a comunidade gay, a comunidade internacional, a comunidade negra. Enfim, o qualitativo é mera descrição para contextualização, pois a definição está em ser comunidade. Sob todo este arcabouço está nosso significado potencial do conceito, a partir do qual guiamos nossa investigação acerca de que comunidade está tratando o telejornalismo brasileiro.

Dessa forma, a problemática do trabalho questiona: que sentidos são enunciados pelo discurso telejornalístico brasileiro acerca de comunidade? Está-se tratando do conceito, da coletividade e suas características comuns, ou se está apresentando uma nova concepção, ampliando-se o quadro lexical em torno de comunidade? Estes são alguns desafios teóricos que objetivamos elucidar nesta primeira etapa de análise.

Para a verificação proposta optamos pela abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (ACD), que utiliza a análise de práticas discursivas, compreendendo a linguagem como um fenômeno de prática social. Dentro desta linhagem da AD, Norman Fairclough é o autor que trabalha com forte enfoque social, considerando que a mudança discursiva está relacionada diretamente com a mudança social e cultural dos grupos sociais. O que Fairclough afirma é que de acordo com as transformações em nível cultural e social da sociedade, o campo social do discurso também é alterado, tornando-se riquíssima fonte de investigação acerca destas mutações.



A abordagem crítica de Fairclough (2001) é ampla e em sua completude propõe uma investigação que atenta a muitos detalhes do texto investigado. De acordo com o que vem ao encontro da proposta deste artigo, valemo-nos nesta parte da pesquisa dos aspectos ligados ao vocabulário – significado das palavras e criação de palavras –, parte integrante da análise textual das formações discursivas (FD) destacadas como representantes do discurso investigado.

O *corpus* para a investigação empírica do trabalho é composto pelos textos/discursos telejornalísticos dos programas Jornal Nacional, da emissora Rede Globo, e Jornal da Record, da emissora Record. A escolha pelos dois telejornais ficou estabelecida de acordo com números de audiência, conforme pesquisa encomendada pelo governo federal<sup>4</sup>. Os dois programas telejornalísticos são responsáveis conjuntamente por 61,4% da audiência de telejornais brasileiros no horário “nobre”. O período de análise compreende os meses de outubro a dezembro de 2011, totalizando 79 dias de programas por telejornal. As reportagens deste período foram todas capturadas através do site dos telejornais, arquivadas conforme mês de exibição e assistidas. As que continham alguma referência à comunidade foram transcritas, chegando ao número final de 104 reportagens no *corpus*.

### **Análise das estratégias discursivas no JN e JR: significado das palavras e criação de palavras**

Um discurso é composto estruturalmente por orações organizadas conforme determinadas orientações políticas, ideológicas de seus produtores, preconizando os interesses e estratégias de cada um. Logo, muitas palavras são necessárias para dar sentido a toda esta estruturação, e os vocábulos utilizados surtirão determinados efeitos, ou significados. “A relação das palavras com os significados é de muitos-para-um e não de um-para-um, em ambas as direções: as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são ‘lexicalizados’ tipicamente de várias maneiras” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230).

“[...] os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230). Isso reforça nosso questionamento sobre qual interpretação de comunidade pode estar o telejornalismo brasileiro suscitando, pois o termo é, por uma parcela da população, utilizado com o significado de “favela” ou

---

<sup>4</sup> Pesquisa aplicada pelo Instituto de Pesquisa Meta, solicitado pelo Governo Federal. Relatório publicado em dezembro de 2010.



conjunto habitacional popular ou ainda “morro”, o local onde elas vivem, mas isso não justifica ele ser assim generalizado ou relexicalizado.

Toda palavra tem o seu “significado-potencial” (FAIRCLOUGH, 2001), que é aquele geralmente demarcado pelos dicionários e que determina a forma como os sujeitos farão referência ao conceito em questão. Mas em torno deste significado potencial estão diversas questões sociais e culturais de aplicação, o que leva certas palavras a terem seus significados transformados ao longo do tempo. Determinados acontecimentos globais ou locais podem levar certas palavras a um uso mais corriqueiro, o que aumentará as chances desta ter seu significado potencial ameaçado. A isso Fairclough (2001) denomina como “modelos alternativos de significado potencial”. No caso investigado, as atuais e constantes notícias sobre os processos de ocupação e pacificação das favelas cariocas, conforme verificamos na sequência, podem estar atuando desta maneira em âmbito nacional.

Ao entrarmos na prática da análise crítica sobre os textos telejornalísticos do Jornal Nacional e do Jornal da Record que compõem o *corpus*, trechos das reportagens que apresentam o termo comunidade vão sendo apresentados, numerados sequencialmente, designando as formações discursivas. Trabalhamos aqui com a etapa da análise textual, mais descritiva, com enfoque no vocabulário (significado e criação de palavras), apontando a questão da (re)lexicalização; em suma, um quadro geral da forma como o conceito comunidade vem sendo apresentado nos dois telejornais, como possibilidade de iniciar uma discussão acerca da problemática questionada.

A partir da definição do *corpus* de pesquisa, que totalizou 104 reportagens e 213 incidências da palavra comunidade, somados os dois telejornais, fizemos uma classificação temática das reportagens de acordo com o texto enunciado pelos apresentadores ao chamarem as reportagens. Com isso, aferimos que grande parte das reportagens (75 das 104) que trazem o termo comunidade em seu conteúdo está inserida em uma temática que representa um contexto negativo, opressor, “pesado”. O tráfico de drogas é a temática principal ao se tratar de comunidades no telejornalismo brasileiro. Nas temáticas de cunho mais otimista, que somam 29 das 104 reportagens, encontramos uma variação maior na forma de apresentar o conceito, ou seja, há a utilização de comunidade com uma maior aproximação do nosso significado potencial, embora ainda encontrados casos em que ele vem como relativo/sinônimo de favela.

Ao analisarmos as reportagens do Jornal Nacional quanto ao vocabulário, a partir da observação do uso ou não de modificadores, conforme propõe Fairclough (2001),



verificamos utilizações do conceito que vêm ao encontro de nosso significado potencial, trabalhando a palavra comunidade remetendo à ideia de coletividade, grupo de pessoas que participam dos movimentos que conduzem a mudanças significativas em sua forma de gerir a vida em sociedade ou como um espaço de compartilhamento e cooperação.

FD 01

[...]

Narração repórter: [...] Pelé depositou flores e depois fez um minuto de silêncio. Desde as tragédias de março, a **comunidade brasileira**, que não foi diretamente atingida, **tem ajudado** os japoneses. Nestas caixas, **trazidas pelos brasileiros** estão cobertores. [...] (Jornal Nacional, 17-10-2011, R17)

FD 02

[...]

Repórter: Uma das principais **preocupações** dos ambientalistas e da **comunidade científica** é **garantir** no Código Florestal a **preservação** das nascentes e córregos intermitentes, que fornecem água apenas durante uma parte do ano, mas que são fundamentais para o equilíbrio do meio-ambiente. [...] (Jornal Nacional, 22-11-2011, R10)

FD 03

[...]

Narração repórter: O Ribeirão Lajes transbordou na região metropolitana de Belo Horizonte. Em Florestal pelo menos quatro **comunidades rurais** ficaram ilhadas. Seis pontes foram destruídas. Estradas interditadas. Na cidade, 150 casas foram atingidas. Nesta a água chegou até quase o telhado. A inundação foi durante a madrugada. [...] (Jornal Nacional, 17-12-2011, R9)

Nas três FD acima temos o vocábulo comunidade acompanhado de um modificador: comunidade brasileira, comunidade científica e comunidades rurais. A ligação da palavra comunidade com outras expressões faz com que haja o destaque a um sentido diferente, o qual é amplificado pelo contexto geral do texto, o teor e a temática da notícia. Na FD 01 comunidade está acompanhada da expressão “brasileira”, modificador que situa o conceito geograficamente, e assim, como um grupo que reúne determinadas características de semelhança e compartilha uma mesma realidade. Ao observarmos o contexto noticioso, acerca da situação do Japão após o país ser atingido por terremoto e tsunami, relatando um ambiente de ajuda mútua, a palavra comunidade ganha sentido de um espaço de compartilhamento e cooperação. As expressões “tem ajudado” e “trazidas pelos brasileiros” reforçam este sentido e contribuem a um significado muito próximo ao potencial.

No caso das FD 02 e 03, novamente percebemos a palavra comunidade seguida de um modificador, a comunidade científica e as comunidades rurais, que assim como nos moldes da FD 01, ambientam o significado do conceito. Na FD 02 há um ambiente



especializado apresentado como forma de ratificar o que está sendo opinado na reportagem, ou seja, o JN apresenta em seu discurso um texto estrategicamente construído a fim de assegurar as informações que está repassando, assim surge a “comunidade científica”, não uma pessoa enunciando aquela informação, mas um coletivo de pessoas especializadas para tal. Apresentada como “preocupada em garantir a preservação” esta comunidade enunciada remete a um coletivo atuante frente às questões que envolvem o grupo e os que o rodeiam.

Na FD 03, a comunidade seguida da palavra “rural” é situada regionalmente, em alguma cidade; trata-se da zona rural, provavelmente mais afastada. É sim uma coletividade que compartilha de um mesmo espaço e até mesmo estilo de vida, mas o contexto verbal a deixa estática, “ilhada” também discursivamente. Esta paralisação tem sequência na reportagem de 30 de dezembro, sobre o mesmo assunto, quando a repórter narra: “E evitar as tragédias durante as chuvas tem sido a tarefa desses guardiões da comunidade. Eles ficam de olho nos barrancos e em trincas das paredes dos vizinhos” (Jornal Nacional, 30-12-2011). Inferimos que nestes casos o conceito comunidade foi utilizado como estratégia discursiva de situar o telespectador sobre que espaço geográfico que estavam falando, sem atentar-se ao significado epistemológico, potencial.

Assim como as formações discursivas FD 01 a 03, há outras 10 notícias no JN que enunciam comunidade suscitando uma compreensão ampla e que lembra características de grupo, de compartilhamento, como “comunidade de Samsó” (de 11-10-11), “comunidades de brasileiros” (de 03-11-11), “comunidades negras” (de 19-11-11), “comunidade jurídica” (de 25-11-11). Como pontuamos nas considerações iniciais, ao apresentarmos nosso significado potencial, os termos que acompanham o conceito nestes casos são somente qualitativos que o situam geográfica, política, social ou culturalmente, pois o que de fato se ressalva é o conceito propriamente, a comunidade, o grupo que partilha determinados traços de integralidade e união.

Contudo, outro leque de significado também foi encontrado nas enunciações do Jornal Nacional, remetendo à ideia de “muitos-para-um” (FAIRCLOUGH, 2001); variados significados para uma palavra. Quando fazemos estas ressalvas a respeito do conceito comunidade estar sendo representado como favela, estamos cientes de que ele continua significando uma coletividade, pessoas que vivenciam uma realidade próxima, que trocam experiências e compartilham de laços de cooperação. Porém, questionamo-nos quanto à maneira como o conceito é alocado na estrutura textual, através da enunciação, das



estratégias discursivas utilizadas, que não enaltece o sentido coletivo, grupo, união, apoio mútuo de comunidade, e sim como relativo/representativo de favela.

FD 04

Apresentador (William Bonner): No RJ a **comunidade** da **Mangueira** recebeu hoje uma Unidade de Polícia Pacificadora. A proximidade da **favela** com o estádio do Maracanã era uma preocupação em relação à segurança na Copa do Mundo.

Narração repórter: Dos pés ao topo do **morro** uma nova fase para 20 mil moradores da **Mangueira** e de sete **comunidades** vizinhas. Com a nova UPP, a polícia considera fechado o cinturão de segurança formado por oito Unidades em torno do Estádio do Maracanã, uma preparação para a Copa do Mundo de 2014. Ao todo 18 UPPs beneficiam quase 100 **comunidades** no Rio; 304 mil pessoas diretamente e cerca de 1 milhão indiretamente, segundo o comando das Unidades de Polícia Pacificadora. O **Morro da Mangueira** estava ocupado desde julho passado por policiais do BOPE. Hoje 403 militares passam a atuar na **comunidade**. [...]

(Jornal Nacional, 03-11-2011, R10)

FD 05

[...]

Entrevistado (Marcelo Silva da Costa – diretor de treinamento da Defesa Civil): No final disso é reduzir o número de vítimas, né, e de calamidades também.

Narração repórter: Em abril do ano passado 34 pessoas morreram no **Morro dos Prazeres** em deslizamentos de terra provocados pela chuva. Agora, pipa no céu, também é sinal de que a **comunidade** está de olho nas áreas de risco. [...]

(Jornal Nacional, 04-11-2011, R17)

FD 06

Apresentadora (Patrícia Poeta): No RJ o Exército aumentou a presença de militares no **conjunto de favelas do Alemão**. Seiscentos homens da Brigada Paraquedista acamparam hoje na **serra** usada como rota de fuga dos bandidos durante a ocupação em novembro do ano passado. A força de pacificação tem agora 2500 militares. Segundo o Exército, o reforço pretende impedir a ação de criminosos que ainda estão nas **comunidades**.

(Jornal Nacional, 09-12-2011, R8)

Nas formações discursivas acima, FD 04 a FD 06, comunidade também surge representando uma coletividade que compartilha um mesmo contexto, contudo surge nas orações como relação/substituição (relativo) ao “Morro da Mangueira”, ao “Morro dos Prazeres” e ao “conjunto de favelas do Alemão”, que configuram casos de nominalização, transformando o conceito de comunidade em “estado” e/ou “objeto”. “A criação de novas entidades é uma característica da nominalização que tem considerável importância cultural e ideológica” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 227).

Podemos inferir pela estrutura textual, pelo vocabulário utilizado, que a palavra comunidade surge como uma estratégia discursiva de substituição. Para não repetir favela, os produtores do discurso (jornalistas, editores, repórteres, apresentadores) vão alternando os vocábulos morro, serra, conjunto/complexo de favelas e comunidade. “Isso significa que como produtores estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre nos



confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas)” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230).

Com exceção da FD 04, que traz a expressão “comunidade da Mangueira”, nos demais casos (FD 05 e FD 06) o vocábulo é apresentado sem a utilização de modificadores, o que segundo Fairclough aponta um aumento na ambivalência potencial da palavra, quando esta fica aberta a qualquer interpretação ou combinação dentro dos disponíveis. Ao acionar essas práticas discursivas, o telejornal abdica a certo modo do conceito, utilizando-o como vocábulo unicamente. Esses três exemplos acima são representativos de um quadro mais extenso; como já dito, a maioria das reportagens trabalha dessa maneira com o conceito/palavra comunidade.

E esta mesma constatação é obtida também quando analisamos as reportagens produzidas e exibidas pelo Jornal da Record. Além disso, o JR faz um uso ainda mais extensivo da estratégia discursiva de comunidade como vocábulo, ficando ainda mais longe o significado potencial no seu discurso jornalístico. Vejamos primeiramente estes casos de nominalização, utilizados pelo telejornal da Rede Record.

FD 07

[...]

Repórter (Sylvestre Serrano – Rio de Janeiro/RJ): Polegar comandava o tráfico de drogas, antes da instalação da UPP aqui no **morro da Mangueira**. O traficante decidiu se esconder no **Complexo do Alemão**, para escapar das constantes operações policiais, mas acabou fugindo depois que a **comunidade** foi ocupada pelas forças de pacificação. [...]  
(Jornal da Record, 19-10-2011, R4)

FD 08

[...]

Narração repórter: Passava das 10 horas da manhã. De repente uma fumaça preta tomou conta do céu. O incêndio era na **comunidade do Moinho**, na região central da cidade, onde vivem 2500 pessoas. Moradores tentavam a todo custo apagar o fogo. O prédio ao lado, ocupado por centenas de famílias, também foi tomado pelas chamas. Partes do muro entre a **favela** e a linha de trem foram quebradas pelos bombeiros que não conseguiam chegar ao local. [...]  
(Jornal da Record, 22-12-2011, R10)

Nos mesmos moldes do Jornal Nacional, as formações discursivas 07 e 08, referentes ao JR, contém comunidade de maneira a substituir no conjunto do texto expressões que denominam o local no qual se faz a notícia. Relativamente a “Morro da Mangueira”, a “Complexo do Alemão”, a “favela” do Moinho, utilizam o vocábulo comunidade. Verificamos na maioria das reportagens do JR, conforme FD 07, que é também uma prática discursiva recorrente em sua enunciação o uso do termo comunidade sem o acompanhamento de um modificador, deixando a interpretação por vezes aberta aos



telespectadores, que buscarão ancoragem no contexto noticioso, no teor da reportagem, no conjunto de palavras e no cenário.

Entretanto, o Jornal da Record também trabalha com o conceito de comunidade aproximando-se de um sentido potencial, embora presente em poucas reportagens.

FD 09

[...]

Narração repórter: [...] Kadaf foi suspeito de financiar grupos de terroristas e estava sendo acusado de crimes contra a humanidade por causa da repressão aos protestos no país, que começaram em fevereiro.

Repórter (Herbert Moraes – Jerusalém/Israel): A **comunidade internacional afirmou** que a morte de Kadaf representa o fim da ditadura e o começo da democracia na Líbia, mas analistas dizem que este é apenas mais um capítulo na revolução. [...]

(Jornal da Record, 20-10-2011, R8)

FD 10

[...]

Essa sereia aqui, na praia de Itapuã, já foi consertada, só este ano, mais de 10 vezes. São grupos de vândalos, diz o responsável pela manutenção. Mas ele fala também que todos temos que ficar de olho.

Entrevistado (Euvaldo Jorge – Cia. Desenvolvimento de Salvador): Quando a **comunidade** se junta e começa a cuidar demora mais. Infelizmente quando a **comunidade** não se junta e não cuida as coisas são muito rápidas. [...]

(Jornal da Record, 31-10-2011, R3)

FD 11

[...]

Repórter (Luiz Gustavo – São João do Manhuaçu/MG): E a mudança não foi só no bolso, tão importante quanto o salário que melhorou, tem sido o **reconhecimento público**. Os professores passaram a ter metas a cumprir, os que alcançam o objetivo ganham um certificado, que fica exposto o semestre inteiro aqui no mural da escola. Um sinal de **gratidão da comunidade** pelo empenho na sala de aula. [...]

(Jornal da Record, 02-12-2011, R4)

Acima estão FD retiradas de três das quatro reportagens do *corpus* do JR que enunciam comunidade em seu significado potencial, como conceito; nas demais 56 matérias do telejornal, comunidade surge suscitando um novo significado. Na FD 09 o conceito vem seguido de um modificador, uma expressão que qualifica a coletividade, define o seu mote. Temos a “comunidade internacional” funcionando na reportagem com o mesmo intuito estratégico utilizado pelo JN na FD 02, “comunidade científica”, ancorando a informação apresentada pelo repórter, ou seja, não é somente ele que fala isso e quem afirma, mas sim um grupo de pessoas concorda com a informação, internacionalmente.

Nas FD 10 e 11 não há a utilização do modificador, mas através da enunciação percebemos tratar-se do conceito, da comunidade empoderada. Em FD 10, a fala do entrevistado remonta aos cidadãos de Salvador, que experienciam no seu dia-a-dia casos de vandalismo contra o patrimônio público da cidade. Dessa forma, o entrevistado afirma que



para haver mudança naquela realidade, os munícipes, os cidadãos precisam atuar unidos, em comunidade, para assim perceber que o espaço é seu, é coletivo, e buscar as melhorias, as transformações necessárias.

Na FD 11 a comunidade retratada já fez este reconhecimento, percebendo em seu ambiente as mudanças que ocorreram para melhor no âmbito educacional ofertado a seus integrantes, aos moradores de São João do Manhuaçu. O “reconhecimento público” ratifica isso, demonstrando a comunidade sua “gratidão”. Este reconhecimento do grupo demonstra ser este formado por sujeitos. Esta atitude torna a coletividade forte internamente, fortalecendo também sua atuação frente às arbitrariedades da sociedade, neste caso, as deficiências na educação; credibiliza sua experiência e assim, sua existência enquanto comunidade.

Inferimos assim que, tanto JR quanto JN trabalham comunidade como conceito em algumas de suas reportagens e, quando o fazem, apresentam de maneira satisfatória uma comunidade engajada e com traços que mantêm o conceito validado na contemporaneidade. Contudo, esta realidade que concorda com nosso significado potencial é ínfima, sendo encontrada em pequena parte do *corpus* de pesquisa. Em grande escala temos um novo sentido, a palavra com diferentes significados. Temos uma nova lexicalização, um quadro de significação produzido pela enunciação no telejornalismo.

O discurso jornalístico das emissoras Globo e Record dão indícios de uma relexicalização do conceito de comunidade. Assim, o léxico se mantém inalterado, mas o campo lexical está em transformação, influenciando mudanças no campo semântico. Aprofundamos assim o item da criação de palavras, etapa da análise do vocabulário da ACD de Fairclough (2001). Nesse sentido, vão ser importantes variáveis o contexto social, político e cultural que circundam o conjunto de palavras em questão. “Perspectivas diferentes sobre os domínios da experiência implicam formas diferentes de expressar essas experiências” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 236).

Quanto à lexicalização compreendemos como a significação que circunda uma palavra ou um conjunto de palavras que constituem um texto, um discurso. Temos assim, o campo lexical e o campo semântico das palavras, que de acordo com a utilização da linguagem pelos sujeitos sociais deixam marcas semânticas que conformam significados e/ou suscitam novas palavras, dependendo para isso de mudanças nas práticas discursivas.

Esboçamos dois quadros, cada um contendo um campo lexical e semântico de comunidade. O primeiro (Figura 1) com base na revisão bibliográfica do conceito; e o segundo (Figura 2) com base em nosso *corpus* de pesquisa, na transcrição das 104



reportagens. Trabalhamos nos dois quadros com a união dos campos lexicais e semântico. Reunimos em um só conjunto a “família” da palavra comunidade, que compreende ainda os vocábulos que pertencem à mesma área de conhecimento; e seu conjunto de significados, de sentidos e conceitos, que variam de acordo com o contexto.

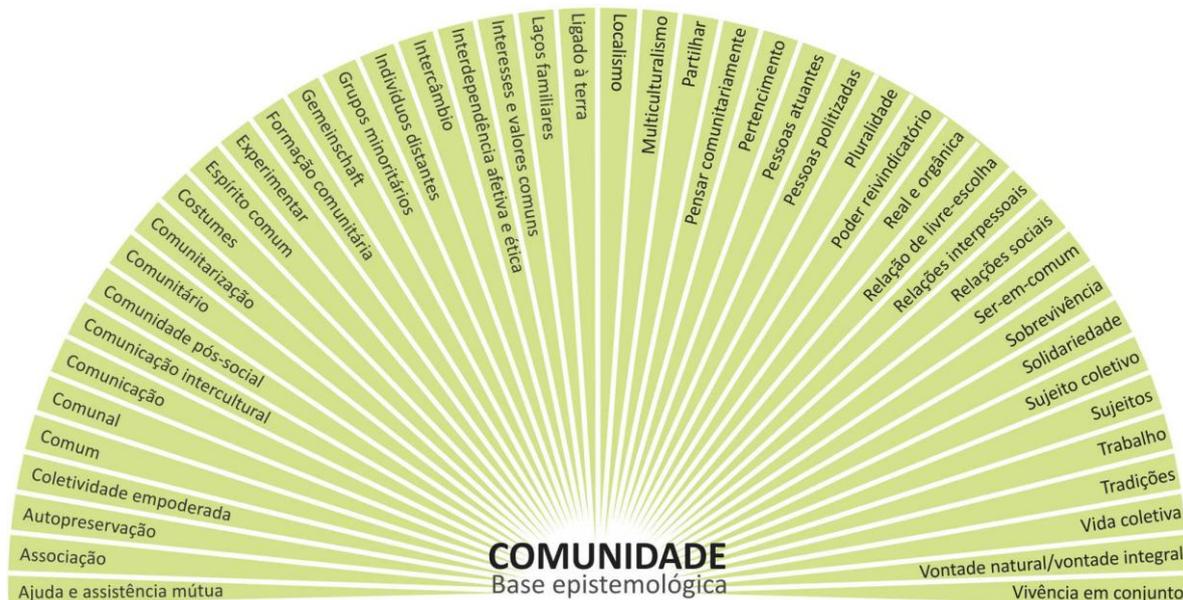


Figura 1 – Campo lexical e semântico de comunidade com base epistemológica

Com base na Figura 1, que representa o conjunto léxico e semântico epistemológico de comunidade, visualizamos as características essenciais que definem um grupo de sujeitos reunidos em comunidade e as ações que determinam sua existência e sobrevivência. Aqui escritas estão palavras e expressões que na totalidade significam o viver e ser em comum, a comunidade por sua conformação humana e suas relações inter e intrapessoais; a comunidade que tem sua essência no que está no campo do intangível.

Na Figura 2 abaixo, baseada no objeto empírico, o leque de palavras que cercam o conceito comunidade é mais extenso. A divisão por cores auxilia a visualização dos diferentes âmbitos que percebemos o jornalismo do JN e do JR empregar o conceito de comunidade.

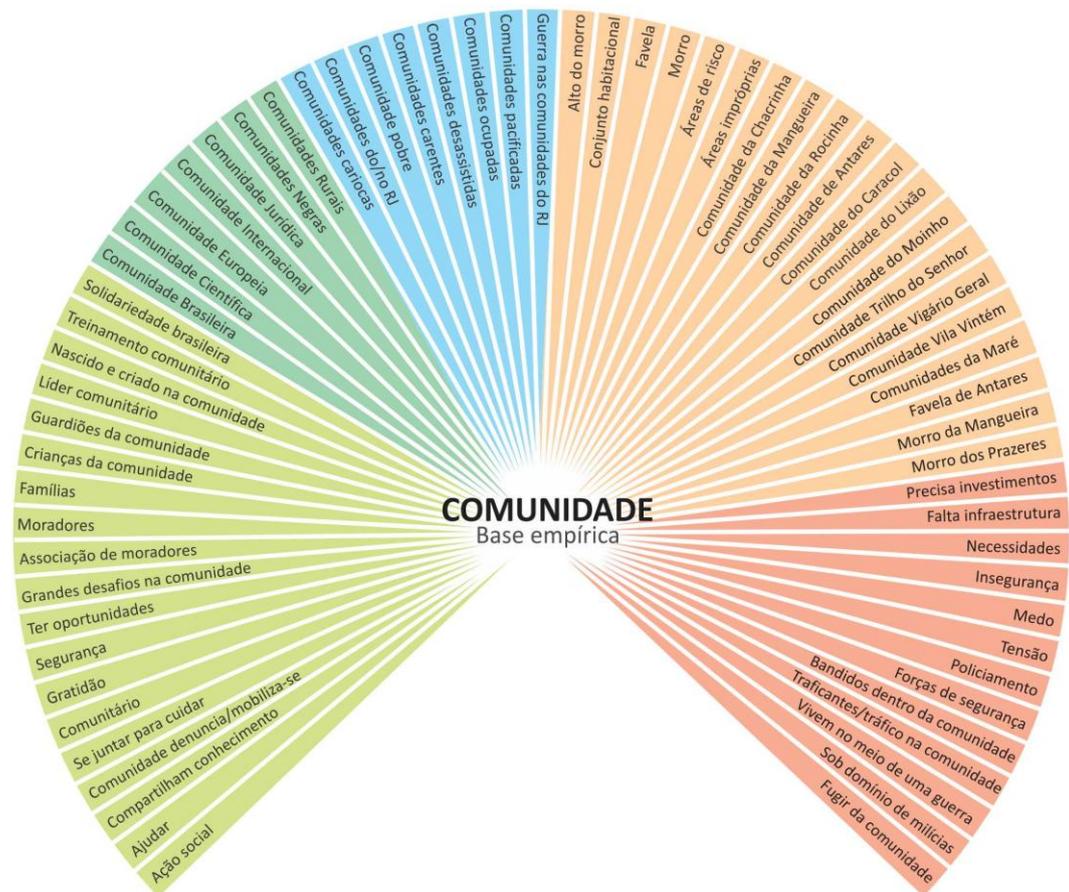


Figura 2 – Campo lexical e semântico de comunidade com base empírica

Nas duas primeiras partes, em verde, localizamos o campo lexical/semântico que se aproxima do campo obtido com a base epistemológica. São palavras que saíram basicamente do grupo de reportagens que abordavam comunidade em seu significado potencial e da questão da pacificação de favelas sob o viés das mudanças e do que os moradores almejavam com isso. O primeiro grupo marcado em verde está em concordância com a Figura 1, remetendo às comunidades compostas por sujeitos, com ação e participação social, que se unem, compartilham e têm solidariedade. Na sequência, também identificadas pela cor verde, estão as identificações comunitárias, paralelas ao entendimento epistemológico, presentes nas notícias do *corpus*.

Em azul está o conjunto lexical que apresentou referência direta com a palavra, formando uma expressão. Trabalhamos em um grupo separado por apresentarem uma temática distante ao primeiro grupo. A partir da marca em azul, está presente o contexto de precariedade e violência no qual o telejornalismo vem inserindo o conceito. O maior bloco, em laranja, traz definições de comunidade que a enquadram em um novo contexto lexical,



que se referem à estratégia da nominalização, segundo a ACD de Fairclough; estão ali descritas as referências à comunidade ligadas ao material.

Este renovado campo de significados ao qual o conceito passa a ser vinculado vem seguido ainda por um último conjunto (em vermelho). Este âmbito final é proveniente das temáticas mais recorrentes nas quais foram encontrados o termo: tráfico de drogas, criminalidade e ocupação de favelas. Essa conformação representada pela Figura 2, além de indiciar um quadro lexical mais extenso e que amplia assim o quadro de significados, ainda suscita um panorama semântico destoante daquele da Figura 1. Ao invés do pertencimento, tem-se a fuga; no lugar do apoio mútuo, a insegurança, o medo e a tensão; sai a vivência em conjunto, entra o viver “em guerra”.

Para Fairclough, “a criação de itens lexicais [...] gera novas categorias culturalmente importantes” (2001, p. 237). Esta categorização está sempre baseada na experiência e assume um vocabulário de acordo com tal. Nesse sentido, inferimos que estes novos itens lexicais vinculados ao conceito de comunidade têm forte base na experiência popular do viver em comunidade “nas comunidades”. Dessa maneira, o telejornalismo busca nessas experiências o vocabulário que será utilizado em seu discurso, estrategicamente organizado. Ao fazer isso acaba por relexicalizar, gerar “novas palavras que são estabelecidas como alternativas às existentes, ou oposições a elas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 240). Sob estas circunstâncias, estariam os telejornais Jornal da Record e Jornal Nacional colocando comunidade “no conjunto de palavras usadas para se referir” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 239) às favelas brasileiras e seu contexto.

Com apoio nos textos investigados, evidenciamos a existência de dois modelos de comunidade: um em seu sentido puro, embora menos recorrente; e outro, em sua maioria nos casos investigados, que sugere um “modelo alternativo de significado potencial”, que nos são apresentados como “textos com uma orientação criativa para o significado potencial que trata este como um recurso explorável e em mutação [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 231).

Esta prática discursiva com relação à comunidade não é exclusividade do Jornal Nacional e do Jornal da Record. Atualmente, em uma simples observação na programação diária – entre telejornais, telenovelas, programas de variedades de diferentes emissoras, jornais, revistas e sites – encontramos o conceito de comunidade utilizado como “recurso explorável e em mutação” pelos autores desses discursos. Esta prática discursiva vem, de certo modo, vinculada às práticas sociais; uma ancora a outra, modificando-as concomitantemente. Não podemos afirmar ao certo se no caso investigado o plano da



experiência está pautando as estratégias discursivas no jornalismo do Brasil e/ou vice-versa. Porém, com a análise do discurso telejornalístico oportunizamos compreender de que maneira este pode transformar a prática discursiva e a social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreendemos que uma comunidade constitui-se como tal por suas pessoas, pela forma como estas atuam em comunidade. Definimos como nosso significado potencial do conceito, uma coletividade que traz características historicamente compreendidas como comunitárias: respeita a tradição, mantém certos costumes, apresenta particularidades, conserva laços de cooperação e de solidariedade. Nosso entendimento do conceito está associado à ideia da multiculturalidade, como uma proposta comunitária contemporânea. Dessa forma, a comunidade passa a ter em seu seio Sujeitos, que são indivíduos críticos e mobilizados, que respeitam a diferença, articulam distintas realidades e contextos, reconhecem suas limitações e a necessidade de alternativas; assim, articulam novos saberes e possibilitam uma atuação contra-hegemônica.

Ao apresentarmos e discutirmos o discurso acerca de comunidade, levando em consideração a linguagem socialmente construída pelo telejornalismo, notamos este abarcar uma gama mais extensa de significações, ampliando o quadro lexical e semântico do conceito para compreensões que vão além das características comunitárias puras e abordando particularmente uma discussão sobre favelas, tráfico de drogas, pobreza e violência. Verificamos, através da análise da linguagem em uso, conforme defende a ACD, que o conceito de comunidade construído e representado pelo discurso telejornalístico, exemplificado aqui pelo JR e o JN, distancia-se do epistemologicamente compreendido, sendo esquecidas as características de união, colaboração, composta por sujeito e empoderada frente à sociedade, conforme propõe nosso significado potencial.

Com certeza a apresentação dessas informações é relevante para que a sociedade brasileira tenha conhecimento de como vivem e qual a situação social daqueles menos favorecidos, que habitam quase que “escondidos” os morros e vilarejos pobres. Mas o que destacamos é a abordagem quase que totalmente pejorativa desses espaços e coletividades com vinculação ao conceito comunidade, o qual abarca uma compreensão que transcende a simples delimitação físico-espacial.

Mais do que trazer informações que relatem a realidade vivida e denunciem a situação em que se encontra a infraestrutura das favelas, é necessário que também deixem claro que aquelas coletividades são legítimas, tendo provavelmente muitas qualidades



provenientes de sua conjugação comunal. Dessa forma, embora as favelas sejam sim exemplos de comunidades, não devemos permitir que o conceito seja reduzido exclusivamente a esta compreensão, ainda mais com constante associação a contextos de criminalidade e de vulnerabilidades generalizadas. Para um apoio efetivo, estas comunidades devem ser reconhecidas muito mais pela riqueza cultural e humana de seus sujeitos, do que pela pobreza.

Em termos de Brasil, é sabido que existe uma conformação do uso de comunidade pelo senso comum, especialmente por aqueles integrantes e moradores das favelas e vilarejos brasileiros, como uma denominação a locais que são geralmente debilitados, prática social esta que orienta uma possível compreensão do porque a prática discursiva aqui percebida é como é. Contudo, as práticas discursivas empregadas pelo telejornalismo do JR e JN vêm cooperando com a disseminação da compreensão tida pelo senso comum, além disso, com a amplificação da formulação deste como estereótipo da pobreza e da violência.

Apesar das estratégias discursivas dos dois telejornais serem semelhantes, ambos configuram *ethos* discursivos diferentes, concordando com suas formas díspares de fazer telejornalismo, mas quanto às práticas discursivas vinculadas ao conceito de comunidade há uma convergência. Surge, no âmbito da comunicação midiática telejornalística, uma “nova comunidade”, que discursivamente carrega traços em sua representação que não se vinculam à comunidade genuína, marcada por laços que avançam os limites do presencial. Esta outra comunidade de que se está falando carrega características daquela reconhecida epistemologicamente, mas vai mais além, somando aspectos provenientes das práticas sociais, da vivência comum, da experiência.

## REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. Coleção Debates.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ESPOSITO, Roberto. Nihilismo e Comunidade. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da Comunidade**: os novos caminhos do social. Prefácio de Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.



\_\_\_\_\_. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel (eds.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 179-203.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação e mobilização social na prática de polícia comunitária**. Coleção Comunicação e Mobilização Social. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Políticas de minoria: comunidade e cidadania**. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002. Acesso em novembro de 2012. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP13PAIVA.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP13PAIVA.pdf)>.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Prefácio de Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PESQUISA **Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira II**. Relatório da Pesquisa Quantitativa. Instituto de Pesquisa Meta. Governo Federal, 2010. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/pesquisas/2010-12-habitos-ii/2010-12-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opiniao-da-populacao-brasileira-ii.pdf>>. Acesso em março de 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Society**. Translated and edited by Charles P. Loomis. East Lansing: Michigan State University Press, 1957. E-book disponível em: <<http://migre.me/bXb0B>>. Acesso em novembro de 2011.

TOURAINÉ, Alain. **Iguais e Diferentes: poderemos viver juntos?** Tradução de Carlos Aboim de Brito. Librairie Artème Fayard, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pensar outramente o discurso interpretativo dominante**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.